

Perspectivas para a atividade agropecuária e impactos para 2022

Thiago Angelis
Priscila Trigo
Myriã Bast

O período desde meados de 2020 tem sido marcado por pressões altistas persistentes sobre as commodities agropecuárias. Assim como no caso de outras commodities, o movimento não resulta apenas da demanda impulsionada por estímulos e pela reabertura da economia. Do ponto de vista da oferta, algumas culturas passaram por quebras importantes na safra 2020/2021. Embora estes eventos sejam em grande parte imprevisíveis, neste momento, as expectativas para o ano de 2022 são de produção volumosa: já estamos próximos do fechamento da safra dos principais grãos nos EUA e as primeiras projeções em relação à safra brasileira são animadoras.

No hemisfério norte, o fechamento da safra caminha para registrar números positivos de produção. Com mais de 80% da safra de soja e milho colhida nos EUA, a expectativa é de crescimento de 4,4% do volume total de grãos em comparação à safra anterior. Esse aumento deve contribuir para, ao menos, limitar novas pressões altistas de preços. De modo geral, os estoques ainda não serão recompostos completamente, mas a expectativa de um maior volume de oferta traz mais conforto para o cenário.

No Brasil, o quadro hidrológico vem reforçando as perspectivas de uma safra positiva. O acúmulo de chuvas desde outubro tem sido importante para reverter a falta de umidade do solo observada ao longo deste ano, possibilitando o avanço mais rápido do plantio. De fato, mais de 70% da safra de soja já foi plantada, bem acima do nível observado no mesmo período do ano passado, o que provavelmente abrirá espaço para antecipação da colheita e para que a segunda safra de milho – a mais relevante – seja bastante volumosa. Ou seja, com chuvas contribuindo para uma boa produtividade, o avanço da área plantada deve significar um aumento importante da produção de grãos.

A produção de grãos no Brasil deve avançar cerca de 14% na safra atual. As últimas projeções da Conab apontam para alta de 2,5% no volume previsto de soja e mais de 30% no caso do milho. Em relação a esse último, o crescimento será particularmente relevante na segunda safra, que deve crescer mais de 40% em relação aos volumes da safra anterior, que sofreu com a falta de chuvas ao longo do ano. A maior produção gera resultados positivos para a atividade do setor, além de elevar os estoques domésticos para a maior parte das culturas, aliviando o quadro mais apertado de preços.

Tabela 1: Estimativa da produção dos principais grãos para a safra 2021/2022

Milhões de toneladas

	Produção CONAB (1000 ton)			
	Safra 20/21	Perspectivas Safra 21/22		% último levantamento vs safra anterior
		1º levantamento	2º levantamento	
Grãos total	252.8	288.6	289.8	14.7%
Soja	137.3	140.8	142.0	3.4%
Milho	87.0	116.3	116.7	34.1%
1o. Safra	24.7	28.3	28.6	15.7%
2o. Safra	60.7	86.3	86.3	42.0%
3a. Safra	1.6	1.7	1.9	18.8%

Fonte: Conab, Bradesco

Esse cenário positivo de grãos deve aliviar os custos para toda a cadeia de proteínas. Em especial com a entrada da segunda safra de milho em meados de 2022, o impacto sobre os insumos para a produção de carnes deve ser relevante. Na verdade, os preços de carne bovina já vêm cedendo como reflexo da suspensão às exportações para a China desde o início de setembro. Assim, a dinâmica de preços no curto prazo ainda é incerta por conta do momento em que haverá normalização dos embarques, mas o impacto de menores custos de grãos contribuirá para manter os preços de carne bovina em patamares mais baixos com a entrada das novas safras.

Assim, a safra de grãos tem potencial para contribuir para a desaceleração da inflação em 2022, via preços de alimentos. Após alta de cerca de 60% entre janeiro e outubro, em média, soja e milho não devem repetir o mesmo desempenho em 2022. Embora em patamares acima daqueles observados no pré-pandemia, há expectativa de alguma acomodação dos preços internacionais, mesmo considerando que a recomposição completa de estoques ainda leve mais tempo. A despeito de um impacto direto mais limitado sobre os preços ao consumidor, a entrada da safra de soja e, principalmente da segunda safra de milho, tem potencial para reduzir os preços no atacado para toda a cadeia de alimentos industrializados. Considerando este balanço, trabalhamos com uma inflação de alimentos em cerca de 4,5% em 2022, bem abaixo da alta de mais de 13% no acumulado em 12 meses até outubro.

Gráfico 1: Trajetória prevista para inflação de alimentos

Varição interanual



Fonte: IBGE, Bradesco

Sem expectativas negativas para o clima em 2022, por ora, o principal risco para este cenário está relacionado aos preços de fertilizantes. Questões geopolíticas, custos de energia e a própria evolução desfavorável do câmbio durante a pandemia produziram um forte choque no mercado de insumos agrícolas, cujos custos se elevaram até 220% neste ano. Porém, de modo geral, as compras visando a safra 2021/2022 foram antecipadas, isto é, pressões de custos ou problemas de entregas podem até surgir mais à frente, mas não deveriam ser a regra. Tudo indica que estas restrições tendem a se tornar um problema efetivo de custos a partir da 2ª safra de milho e especialmente para a safra 2022/2023 ou para culturas de plantio contínuo, como é o caso dos alimentos in natura. Enquanto os custos de insumo sobem, os preços agrícolas tendem a se acomodar, podendo reduzir a margem do produtor. Assim, embora neste momento pareça razoável esperar que as restrições do mercado de fertilizantes sejam ao menos parcialmente equacionadas no decorrer do próximo ano, o tema deverá ser monitorado de perto pelo setor.

Gráfico 2: Preços médios de fertilizantes importados pelo Brasil

US\$/tonelada



Fonte: Mosaic, Bradesco

Do ponto de vista da produção animal, também há expectativa de crescimento. A simples perspectiva de liberação das restrições às exportações para a China devem reverter a forte queda de abates de bovinos observada em setembro. Com isso, deve haver um efeito positivo para o próximo ano, na média, não só pela recomposição, mas também pelo efeito base. Mas além desta questão conjuntural, os abates de bovinos registram queda desde meados de 2019 em função da retenção de matrizes e 2022 deve ser um ponto de inflexão importante. Assumindo que estes patamares sejam alcançados no fim do próximo ano, o crescimento do abate de bovinos pode ultrapassar 10% em 2022.

A safra volumosa deve ajudar a sustentar a renda agrícola e a atividade econômica em 2022. Na ausência de problemas com o clima, o crescimento de cerca de 14% da safra de grãos sugere desempenho positivo para o PIB agropecuário do próximo ano. O avanço esperado de abates de bovinos também é mais um fator de sustentação para avanço da atividade no setor. E embora responda por apenas cerca de 7% do PIB, estima-se que a cadeia agropecuária, incluindo principalmente os serviços relacionados ao setor, movimente mais de 20% do produto interno. Naturalmente, as regiões mais expostas à renda agropecuária devem ter desempenho superiores àquelas não expostas ao setor. Em meio a revisões baixistas do PIB para 2022, o agronegócio deve seguir como um dos setores mais dinâmicos da economia, limitando assim o impacto negativo do aperto das condições financeiras observado recentemente.

Gráfico 3: Abates de bovinos

Mil cabeças, com ajuste sazonal



Fonte: IBGE, Bradesco

As perspectivas para o cenário de grãos trazem implicações importantes tanto para a inflação quanto para a atividade econômica em 2022. Com volumes maiores e perspectivas de preços em acomodação, a próxima safra deve contribuir para parcialmente contrabalançar o impacto de juros mais altos sobre a atividade econômica doméstica e ajudar na desinflação esperada para 2022. Porém, ao longo dos próximos meses, os preços de fertilizantes ainda pressionados e as incertezas sobre a demanda chinesa podem manter preços de grãos ainda voláteis, a despeito de bons números previstos para a safra 2021/2022, tanto no Brasil quanto no hemisfério norte. Tal volatilidade ainda pode significar maior persistência da inflação no curto prazo, mas, olhando para 2022, neste momento, parece improvável que o quadro de crescimento da renda agrícola, acomodação de preços e contribuição para a atividade seja revertido.

Equipe Técnica

Diretor de Pesquisas e Estudos Econômicos

Fernando Honorato Barbosa

Economistas

Ana Beatriz Moreira dos Santos / Constantin Jancsó / Fabiana D'Atri/ Felipe Wajskop França / Myriã Tatiany Neves Bast / Priscila Pacheco Trigo / Renan Bassoli Diniz / Thiago Coraucci de Angelis / Vitor Vidal Costa Velho

Estagiários

Bruna Andreatta Valentino / Gabriel Sartor Ganzarolli / Henrique Monteiro de Souza Rangel / Lorena Pires Sene / Lucas Daniel Duarte / Rafaela de Sousa Silva

economiaemdia.com.br

O DEPEC – BRADESCO não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Todos os dados ou opiniões dos informativos aqui presentes são rigorosamente apurados e elaborados por profissionais plenamente qualificados, mas não devem ser tomados, em nenhuma hipótese, como base, balizamento, guia ou norma para qualquer documento, avaliações, julgamentos ou tomadas de decisões, sejam de natureza formal ou informal. Desse modo, ressaltamos que todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BRADESCO de todas as ações decorrentes do uso deste material. Lembramos ainda que o acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade e uso. A reprodução total ou parcial desta publicação é expressamente proibida, exceto com a autorização do Banco BRADESCO ou a citação por completo da fonte (nomes dos autores, da publicação e do Banco BRADESCO)